

Candidato a franciscano

Pedro Simon, que colocou seu nome à disposição do PMDB para concorrer à Presidência, faz voto de austeridade

Quem assiste aos discursos inflamados do senador Pedro Simon (PMDB-RS) não imagina o espírito franciscano que existe por trás de suas palavras. Estudioso dos ensinamentos de São Francisco de Assis, Simon decidiu assumir de vez o estilo missionário. Cada intervenção sua na tribuna do Senado é uma cobrança pela ética na política. Nem aliado do Governo, nem oposição, o senador gaúcho consegue manter um posição de independência. É ouvido e respeitado. Ganhou fama de derrubador de ministros. A última cartada foi o lançamento de sua pré-candidatura à presidência da República pelo PMDB. “Não vou iniciar nenhuma campanha agora, não seria patriótico há três anos e meio antes das eleições”, garante.

Simon não faz propaganda de sua religiosidade, mas está cada vez mais católico. Na sala do apartamento funcional onde mora, na SQS 309, montou um oratório ornamentado com várias imagens dos santos de sua devoção. A bíblia fica sempre aberta na página do Sermão da Montanha. Simon lê uma de suas passagens preferidas: Bem aventurados os humildes de espírito porque deles é o reino dos Céus. “Nunca fui carola, mas o lado espiritual é importante”, reza o senador Pedro Jorge Simon, 69 anos, católico desde criança. Religiosamente, vai à missa todos os dias às seis e meia da manhã e sempre participa da comunhão.

Uma vez por mês, o senador deixa de lado as reuniões políti-



Jamil Bittar

O senador Pedro Simon repete em casa, embora sem nenhuma inquietação, os gestos que são a sua marca na tribuna do Senado

cas para se encontrar com os “irmãos” franciscanos e aprender os ensinamentos do santo que abandonou as riquezas da família para se dedicar à pregação da palavra de Deus. Simon ainda é iniciante, mas está se preparando para seguir o estilo de vida franciscano. São cinco anos de estudo pela frente. Os leigos que pertencem à Ordem Franciscana Secular, como Simon, não fazem votos de pobreza, mas precisam ter uma vida simples, sem badalações, sem consumismo. “Ser cristão não é tão fácil como se imagina, não é só ir à missa”, diz o político católico.

O senador não leva uma vida de restrições, mas abriu mão de três aposentadorias a que teria direito pelos cargos públicos que ocupou. “Metade do salário

dele é para fazer caridade”, conta a mulher Ivete Fülbert, 38 anos. Simon é casado pela segunda vez. Uma união que já dura doze anos. “Quando encontrei Simon pela primeira vez, na casa de uma amiga, pensei: conheço esse homem de algum lugar”, relembra Ivete. A amiga lhe advertiu na hora: “É o governador do Estado.”

Simon e Ivete não se separaram mais e tiveram um filho, Pedrinho, hoje com 5 anos. O filho não foi programado, mas rejuvenesceu o pai. “Tenho o maior pique para brincar com o Pedrinho, mas ele sempre me vence na guerra de travesseiros”, revela o pai brincalhão. Simon se voltou ainda mais à religião depois do nascimento do caçula, porque faz questão de ensinar a

ele os princípios cristãos e levá-lo à igreja. Piqueniques, visitas ao zoológico e domingo no clube também são programas constantes na agenda da família. Em uma das viagens de fim-de-semana, Simon se empolgou tanto com a brincadeira que quebrou quatro dedos do pé e ficou quarenta dias de gesso. Nem assim abandonou o trabalho. Ia ao plenário de cadeira de rodas. “O que não pude fazer pelos outros filhos, faço dobrado pelo Pedrinho”, revela. “Tenho mais tempo agora.”

O paizão senador tem dois outros filhos do primeiro casamento: Tiago, 28 e Tomaz, 26, que moram em Porto Alegre. Não é coincidência os nomes bíblicos, “foi proposital”. Uma vez por mês, Simon pega o avião para vê-

los. Mas a vida familiar dele também é marcada por tragédias. Em 1984, ele viveu a dor de perder o filho Mateus em um acidente de trânsito. “Minha mulher (Tânia) se culpava porque ela dirigia o carro”, relembra. Um ano e meio depois do acidente, a mulher de Simon também morreu, vítima de enfarte. “A fé me ajudou a superar esses momentos.”

O senador também tenta levar essa fé e a ética cristã para a vida política. “Se hoje eu fosse o comandante do País, minha prioridade número um seria lutar para que ninguém passasse fome”, discursa o pré-candidato a Presidente. “Mas reconheço a dificuldade de ser o candidato do partido”, diz, com uma humildade franciscana. Este ano, Simon completou 39 anos de vida públi-

ca. Sua estréia na política foi como vereador do PTB em Caxias do Sul, cidade onde nasceu. Foi deputado, líder de bancada e eleito senador em 1978. Nessa época, definiu que o seu guru intelectual seria Alberto Pasqualini (1901-1960), senador pelo Rio Grande do Sul e um dos maiores ideólogos do trabalho de Getúlio Vargas.

Simon comandou o Ministério da Agricultura na era Sarney e se orgulha de ter deixado o cargo para concorrer ao governo do Rio Grande do Sul. Ele venceu as eleições e foi um governador que ficou até o fim do mandato, preferindo não concorrer imediatamente a um cargo no Legislativo, como é comum. Quando assumiu o governo do Rio Grande, decidiu não morar no Palácio Piratini e continuou em sua casa em Porto Alegre, de onde muitas vezes despachava. “Já aconteceu de eu participar de reuniões de pijama”, brinca Simon. No seu mandato, não houve foto oficial do governador nos gabinetes. Era o medo de depois ver sua fotografia empoeirada e jogada em qualquer canto.

Em 1991, voltou ao Senado com um milhão e quinhentos mil votos. Chegou a ser líder do Governo do ex-presidente Itamar Franco. Foi convidado para ser também líder de Fernando Henrique. “Não aceitei porque considero a base do Governo heterogênea e, nessa situação, eu teria fracassado”, explica-se. Na tribuna, sempre chama a atenção pela retórica impecável, embalada por gestos teatrais. Fala de coisas sérias com bom humor. O dom da oratória é característica do advogado Pedro Simon, que já defendeu mais de 200 pessoas em tribunais de júri popular. “Ganhava quase todas as causas”, vangloria-se. No plenário Senado, procura repetir a mesma veemência dos tribunais na defesa de seus princípios.

TACIANA COLLET

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA